

**Universidade De São Paulo
Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia**

Trabalho De Graduação Individual

**VIDA NA RUA
Observações sobre a sobrevivência e as condições de vida nas
ruas**

**Aluno: Gustavo Fogolin Marques
Orientador: Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann**

**São Paulo - SP
2016**

Agradecimentos

“O diploma serve apenas para constituir uma espécie de valor mercantil do saber. Isto permite também que os não possuidores de diploma acreditem não ter direito de saber ou não são capazes de saber. Todas as pessoas que adquirem um diploma sabem que ele não lhes serve, não tem conteúdo, é vazio. Em contrapartida, os que não tem diploma dão-lhes um sentido pleno. Acho que o diploma foi feito precisamente para os que não tem.” - Michael Foucault

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	5
1.1 Trinta e um de julho de dois mil e treze (31/07/2013).....	7
1.2 Dois de agosto de dois mil e treze (02/08/2013).....	9
1.3 Cinco de agosto de dois mil e treze (05/08/2013).....	10
1.4 Sete de agosto de dois mil e treze (07/08/2013).....	12
1.5 Oito de agosto de dois mil e treze (08/08/2013).....	13
1.6 Treze de agosto de dois mil e treze (13/08/2013).....	20
 2 - Viver na rua.....	 24
2.1 As razões de viver na rua.....	24
2.2 Violência na rua e as mulheres.....	26
2.3 O inverno na rua.....	29
 3 - Comer na rua.....	 30
 4 - Considerações finais.....	 32
 5 - Referências bibliográficas.....	 35
 6- Anexos.....	 37

1 INTRODUÇÃO

Comecei essa pesquisa há uns três anos atrás com a aspiração de um jovem pesquisador, disposto a garimpar e trazer a luz da ciência às mais profundas e inimagináveis relações sociais e tendo como objeto o morador de rua. Nessa época eu acreditava (e a academia exigia) que esse "desvendar" e "problematizar" só seriam realmente importantes se transcritos e registrados no papel. Esse trabalho surge então como uma tentativa de registro acadêmico dessa vivência que tive.

Durante o processo de conclusão deste trabalho e nas conversas que tive com o Dieter, fui aconselhado sempre a me perguntar quais as respostas que eu procurava com isso. Mas o que realmente eu procurava? Por que os moradores de rua? Como estudar essas pessoas? O quão complexo se torna um trabalho que tem como objeto o indivíduo "morador de rua"? O que é "morar na rua"? Eu, estudante da USP, com residência, RG, e todas as burocracias necessárias para se levar a vida na modernidade, seria capaz, por meio de entrevistas, de saber realmente o que é morar na rua?

Na busca dessas respostas, resolvi frequentar durante algum tempo um refeitório público próximo de onde eu morava na época, no bairro do Bixiga, bem perto da Praça XIV Bis, pois talvez se eu fizesse parte, mesmo que por pouco tempo, do modo de vida deles, eu pudesse relatar e pensar melhor essas relações. Não conhecia muito bem o lugar, o horário de funcionamento, a necessidade de cadastro ou nada do tipo, também não me preocupei em procurar tais informações antes da minha empreitada (afinal, aquele que está nessa condição tem este mesmo). Procurei estabelecer um horário padrão (entre as dez e meia e onze horas da manhã) para frequentar o local e vestir as mesmas roupas. Essa era minha caracterização. Não levava comigo qualquer tipo de identificação, caneta ou prancheta, lista de perguntas ou gravador, não só pela dificuldade que eu teria em aplicar sistematicamente as perguntas, mas principalmente pela repulsa e o pré-julgamento que nós (pesquisadores) causamos a eles. Muitos ali estão há muitos

anos nas ruas, respondendo as mais variadas pesquisas, participando dos inúmeros projetos públicos, sem nenhuma mudança efetiva na sua vida ou na das pessoas que os cercam. Devido a este fato, preferi narrar às investidas que tive me atentando a alguns detalhes, procurando sempre ser fiel aos fatos.

Nesse processo de imersão no mundo dos moradores de rua (ou em parte dele), me deparei com cenas, fatos e histórias das mais diferentes e complexas, que despertaram em mim um turbilhão de sentimentos dos mais variados possíveis, do ódio à compaixão, da depressão à alegria, da revolta à serenidade. Todos esses sentimentos me fizeram entrar quase que de cabeça nesse fosso, transformando o já conhecido e penoso caminho da graduação em uma estrada longa, vazia e escura.

É importante lembrar também que esse trabalho de campo foi feito em 2013, no mês de julho, que para quem se lembra foi um mês frio, chuvoso e cinza. Esse clima, aliado ao ambiente quase hostil do refeitório às histórias que eu escutava e ao meu objeto de estudo, configuravam um ambiente depressivo e de certo modo pavoroso. Atento a isso, posso informar que quase fui sugado por esse buraco negro de sentimentos, quase me levando a desistência de conclusão deste trabalho.

É no capítulo um que apresento a narrativa desses dias em que almocei no refeitório público, e não procuro problematizar muito os fatos, pois nos capítulos seguintes desenvolverei melhor esses itens. Procuro me atentar a alguns detalhes que me chamaram a atenção e que me permitiram desenvolver os capítulos seguintes. Não sei ao certo se esses fatos são realmente importantes e se essa pesquisa possa vir a ser útil futuramente no ambiente acadêmico, mas espero que ao menos seja um pequeno registro do cotidiano desses ambientes.

No capítulo dois, procuro trazer da vivência de campo e da narrativa do capítulo um, alguns pontos e fatos a fim de problematiza-los, com o apoio da revisão bibliográfica no que se refere ao viver na rua. No capítulo três, que é um desdobramento do capítulo anterior, me debruço sobre a questão do “comer” na rua, procurando também desmistificar alguns pontos apresentados nas narrativas.

Após todo este processo, não me preocupei em aprofundar ou em estabelecer relações com as categorias da Geografia nesta pesquisa, mas trazer à luz do pensamento de quem quer que seja que leia estas páginas, uma breve impressão do que é morar na rua. Não me apoiei exaustivamente aos números e as pesquisas quantitativas, mas acho importante trazê-las para que a leitura deste trabalho se torne um pouco mais palpável, já que os números nos dão certa impressão de realidade.

1.1 Trinta e um de julho de dois mil e treze (31/07/2013)

Decidi começar minha pesquisa durante um almoço no Restaurante Comunitário para pessoas em situação de rua, na unidade Bela Vista, perto de onde moro. Eu já havia passado por lá algumas vezes, em dias e horários diferentes e sempre em seu entorno é possível notar certo movimento de vagabundos. Percebia-se que ali funcionava algum órgão assistencialista.

Às onze horas entrei na fila. Na minha frente havia alguns homens. Bêbados, inchados, feridas purulentas, braços quebrados, bengalas. Idosos cujas faces já estavam maltratadas pelos anos de rua. Marcas que lhes acusavam muito mais idade do que seus documentos registravam. Quase sempre lhes faltava algum dente. Não sabia bem como funcionava o refeitório, e a distância entre a minha realidade com a dos presentes era meio perturbadora. Carregava nos bolsos o celular, carteira (com todos os tipos de documentos possíveis: carteira de motorista, RG, carteirinha de estudante da USP, inclusive meus cartões de crédito), meu fumo e a chave de casa (eu sabia que tinha uma casa). Itens que não faziam sentido algum naquele lugar, pensei.

Mas na fila havia conversa. Muitos ali se conheciam, das ruas, das casas assistenciais ou de suas moradias (companheiros de maloca), enfim, de algum ambiente que habitavam. Logo atrás um deles resmunga “vai dar pra entrar sim, não falta comida não”. Na minha frente ouvi comentários de alguma briga que acontecera a pouco “nóis tá aqui é pra come e o cara resolve briga. dá não”. A porta abriu, a fila andou. Entraram mais algumas pessoas.

Era a minha vez, entrei de cabeça baixa. Estava com vergonha, não de sentar para comer ali ou de estar naquela situação. Senti vergonha de ser quem sou: classe média, branco e de olhos claros; elite. Mas eu não era o único cabisbaixo. Minha postura não me fez progredir em meu relacionamento com os demais.

Do lado de dentro havia outra fila. Era um salão amplo e higienicamente branco, com cerca de quatro mesas alinhadas e a outra colocada ao contrário formavam uma espécie de cerca ao redor de uma rampa que levava ao refeitório do piso inferior. À direita havia muitas salas com todo o tipo de assistência pública para a reinserção desses indivíduos na lógica do trabalho. Havia alguns bilhetes pregados nas paredes: cartas e documentos a serem retirados, outros a serem entregues. Anúncios de cursos de informática e de outros para garçom. Foi nessa parede que ficamos encostados por mais alguns minutos, até que a fila andasse. Os que estavam sentados receberam uma ficha e desceram, os que estavam de pé sentaram nos lugares que estavam desocupados.

A primeira mesa que iniciava a fila alinhada de lugares era reservada aos idosos, feridos e moribundos. Os que por algum motivo necessitavam de algum cuidado especial, coisa que naquele local se resumia a “comer antes dos demais”. Trinta minutos se passaram e estávamos na mesma posição. Poucos são os que reclamaram, alguns murmuraram alguma coisa. Havia poucas mulheres, notei a presença de no máximo cinco. O homem que estava em frente a mim na fila, aparentemente sóbrio e fisicamente bem, resmungava algo que não podia entender. Mas aos poucos as palavras que ele balbucioou tomavam sentido “fila do caralho. Humilhação do caralho. Humilhação da porra. É foda”, repetia enquanto balançava repetidas vezes com a cabeça “É melhor rouba”, e sai injuriado do restaurante. Depois de cerca de quinze minutos, finalmente a fila andou. Era a minha vez de sentar. Mais dez minutos. Finalmente recebi uma ficha e podia descer ao refeitório. Lá me baixo, outra fila. Este refeitório matinha o mesmo padrão branco, alvo e limpo, com oito ou nove mesas paralelas de aproximadamente seis metros cada uma, e acomodavam essas pessoas durante o almoço. A fila circulava pelas mesas até a outra extremidade, onde era servido o almoço. Logo no início da fila havia uma humilde estante de cimento, que funcionava como chapelaria guardando alguns dos poucos pertences da massa de vagais, em sua maioria colchões e mantas, algumas

mochilas, mas eram poucos os que se arriscavam separar-se de seus poucos bens. Ao caminhar da fila, aproximando-se da comida e já com a certeza da refeição garantida, alguns deles agradecem “graças a Deus não falta comida aqui”, “é coisa de Deus pode come”. Outros esbravejavam “que fome”. Em uma das mesas havia um homem já acomodado e almoçando, que gritou “troco um copo de suco por uma sobremesa!”. Percebi que a comida era servida sem nenhum tipo de suco ou refrigerante e que copos descartáveis também não eram distribuídos. Ele havia conseguido a tão sonhada sobremesa extra, que na ocasião era um cural de milho. Parecia estar muito saboroso.

Chegou a minha vez. Entreguei a ficha, recebi o prato que era fundo e de plástico. Então me serviram a comida: uma concha de feijão, duas de arroz. Uma de picadinho com batata e cenoura. O preparo estava tão picado, com pedaços tão pequenos, mas tão pequenos que cheguei a pensar que era carne moída, ou algo como retalhos de açogue. Também me serviram um tanto de salada, uma pequena colher e nada mais. E claro, a sobremesa.

A comida não era de todo ruim. Arroz parboilizado morno, o feijão estava aguado, salada *in natura* e o picadinho bem picadinho, tudo sem nenhum tempero. Depois disso entendi qual era o poder que os mais vividos e experientes tinham quando exibiam um saleiro, potes de pimentas ou sachês de *Sazón*, para harmonizar com o amor industrializado aquele manjar dos deuses. Concluí que ao menos a sobremesa deveria estar saborosa, afinal açúcar é quase de graça e o milho é cultural. Entendi que a troca antes feita por dois deles não foi justa. O rapaz que tomou o suco teve mais sorte. O cural mais parecia angu adocicado. Terminei minha refeição e me retirei.

1.2 Dois de agosto de dois mil e treze (02/08/2013)

Novamente fui ao Penaforte Mendez, nome da unidade que mantém o restaurante. Esse dia havia poucas pessoas na fila. O horário era o mesmo, por volta das onze da manhã. Estava vestindo a mesma roupa do dia anterior, e desta vez só carregava a chave de casa, pensei que quanto menos pertences eu levasse,

mais iria me aproximar mais dos frequentadores do local, em sua maioria vagabundos, a “população em situação de rua” para os órgãos governamentais.

Este dia havia apenas três homens aguardando na fila, diferente dos quase vinte do dia anterior. O que estava logo a minha frente, me reconheceu e me cumprimentou. Seu rosto era bem desgastado pela vida, aparentava uns cinquenta anos de idade, corpo curvo, caricaturado, rosto fino e muito magro, resultado provável de suas “cachimbadas” de crack sob o viaduto na Praça Quatorze Bis. Sua figura se arrematava com um belo chapéu, ao estilo Senhor Madruga, personagem do programa infantil Chaves, que havia se tornado o vagabundo mais popular e conhecido do país. Respondi a ele com um tímido “oi”. Percebi a presença de uma perua da Assistência Social estacionada na porta, aparentemente vazia. A porta se abre, a reação quase instantânea das pessoas na fila é apavorante. As cabeças e os olhares se levantam afoitos pela fome e os corpos decrepitos pela sua miserabilidade, e aos tropeços entram no recinto. Lá dentro a mesma fila, ao mesmo lado, da mesma forma. Mas tudo parecia mais agitado. Falavam alto, uma mulher gritava reclamando de algo ou de alguém. Pareceu-me que afirmar-se como indivíduo neste ambiente na maioria das vezes era feito de forma violentas, buscando o excesso. Senta, levanta, grita. Tudo em meio a escarros e tosses tuberculosas que sempre são ouvidas.

A fila andou bem rápida alias. Em apenas um instante cerca de sessenta pessoas entraram para o almoço. Rapidamente mais trinta. Pensei que deveria ser eficiência no serviço, pensamento natural para mim, mas não para eles. Notei tal estranhamento em seus rostos, muitos estavam desconfiados e agitados. Do meu lado alguém resmungou “deve ter gente chegando aí”. Pensei, já havia tanta gente ali, chegando, sentando. Mas eles, naquela situação, não eram considerados “gente”. Não alguém importante. A mesma mulher que gritava diz “agora essa porra tá andando né, só porque o prefeito tá aí né”. Mas não, não havia ninguém lá. Mais vinte, mais “gente”.

Chegava a minha vez. Um homem atrás de mim repetia “batata e cenoura segunda, batata e cenoura terça, batata cenoura quarta, batata e cenoura quinta,

batata e cenoura na sexta, só sábado e domingo que não. Cenoura na salada, cenoura cozida. Cenoura segunda, cenoura na terça...” incansavelmente repetia enquanto observava a massa se alimentando. Entreguei a ficha, recebi o prato. Esse dia tinha angu e para sobremesa, gelatina. No mais tudo como sempre, então terminei minha refeição e voltei para casa.

1.3 Cinco de agosto de dois mil e treze (05/08/2013)

Semana de frente fria. Há pouco tempo uma dessas frentes frias deixava ao menos sete mortos na cidade de São Paulo, pelo menos esses sete foram notados e contabilizados. Clima frio e seco. Este dia a fila era grande, quase trinta pessoas. Em frente a mim havia dois homens e uma mulher que inalava algum solvente líquido, de cor amadeirada, condicionado em uma garrafa pet. A garrafa foi passada de mão em mão, em um ciclo eufórico de gritos pós baforadas e comentários frenéticos sobre os sons dos “tuins” no ouvido ou dos calafrios nos pés que sentiam.

Uma perua estacionou e quatro mendigos e dois funcionários da Assistência Social descem, entram sem esperar na fila. Ninguém reclamou, sinal de que essa ação era corriqueira e aceita. Mais dez entraram enquanto chegava outra perua, com mais dois vagabundos que foram recolhidos pela rua. Depois de dez minutos, mais dez entraram.

Alguns tempo se passou e outra perua estacionou, agora com cinco pessoas. Uma delas era um senhor que aparentava sessenta anos, uns 50 de rua, bebida, pobreza e pelo menos uns cinco de cirrose. Magro mas inchado, meio pênfil à esquerda. Ao menos lhe darão comida, pensei. Mais alguns minutos de humilhação ao relento e finalmente chegou a minha vez de entrar. Lá dentro a mesma cena: as tosses, os escarros, os gritos, as filas. Vez ou outra podia escutar um golpe em alguma estrutura de ferro, dado pelos seguranças para chamar a atenção e diminuir a euforia dos presentes.

Em frente a mim, desfilando como uma *top model*, estava a mesma mulher que gritava no dia anterior. Começou a conversar com um homem que estava um pouco

atrás de mim. Contava sobre as loucuras da noite anterior, perguntava como estavam os companheiros de maloca e aproveitava para falar um pouco de sacanagem, tudo isso enquanto jogava o cabelo de um lado para o outro, fazia caras e bocas, em uma tentativa de seduzir aos demais, ignorando que estavam naquele ambiente. O odor do local era inebriante, o cheiro de suor, a falta de roupas limpas e de banho tornava qualquer refeição um desafio.

No espaço reservado para os aposentados estavam muitos rostos agora conhecidos. É interessante relatar que em um ambiente de maioria negra e parda, havia dois orientais. Quando recebi minha ficha e procurei um lugar para me sentar, notei que esse momento era sempre acompanhado por certo tumulto, pois “estar sentado” é praticamente a única exigência que fazem para receber a senha. Diante de mim, havia sentado uma mulher, acredito que tinha uns vinte anos. Ao lado esquerdo do rosto tinha um corte horizontal na bochecha, já quase totalmente cicatrizado a não ser por um pequeno pedaço com uma vermelhidão e uma mancha purulenta. Sua pele estava esticada pelo inchaço da escoriação, claramente inflamada, infeccionada e todas as possíveis denominações para uma ferida desse porte, sem nenhum cuidado ou curativo devido. Seu estado ébrio foi apenas mais um detalhe.

Chegou a hora de descer ao magnífico refeitório. Ao chegar na fila, um homem começa a conversar comigo e me explica “não sô morador de rua não, tenho família. Meu irmão falo comigo hoje. Passou ai. Não foi não?” perguntou a um colega “foi” ele respondeu, o homem continuou “é, tô na rua ai, mas já já eu saio, tô ai né. Mas eu não sô mendigo não. Se quiser tô pro meu irmão”. Entreguei a ficha ansioso para ver qual era a refeição do dia: arroz, feijão, banana, um bife cozido de carne de algum animal, e de sobremesa, gelatina.

1.4 Sete de agosto de dois mil e treze (07/08/2013)

Chovia muito na cidade. Nos dias mais frios a lotação era máxima. Pontualmente cheguei à porta do refeitório comunitário. Eram 10h30min da manhã a fila já estava

grande, o fluxo de entrada e saída de pessoas e as frequentes paradas de Kombis da Assistência Social estavam acima da média. Ficou claro que esse dia seria mais longo do que normalmente era.

O camburão da Assistência Social chegou mais cheio, com seis ou sete pessoas, algumas mulheres e idosos, notoriamente bêbados e convalescentes das complicações dessa vida ordinária. Mas a maioria continuava sendo homens que, por conta do inverno, se sujeitam as instituições do Estado.

Depois de vinte minutos de fila, muitos se amontoaram atrás de mim. Eram quatro pessoas e um casal com duas crianças eram o que me separavam da refeição. Kombis iam e vinham. O frenético movimento na porta era acompanhado por vistos em pranchetas, como check-ins aéreos, conferindo as entradas e aumentando os números das refeições e assistências concedidas. Entrou: ok. Comeu: ok. Iam direto pra Kombi e depois eram depositados nos mesmos lugares de onde foram levados.

Um casal com as duas crianças aguardava na fila que não parecia ter andado. Atrás começava uma conversa sobre a demora, o frio, a fome, a rua. Falavam e olhavam para os lados, como se buscassem algum olhar perdido que, contrariamente ao que acontece em nosso cotidiano, eram rapidamente convertidos em contato social, em uma conversa e inseriam pessoas mesmo que momentaneamente ao grupo. Naquele lugar o assunto era quase sempre o mesmo. Falavam da fome, da comida, da rua, da fila. Mas havia os que estavam na rua há pouco tempo, normalmente os mais jovens. Todos envergonhados pela moral do trabalho buscavam uma explicação, uma satisfação aos outros sobre sua condição. Um dos homens aparentava trinta e cinco anos e o outro, o mais falante que começara o assunto, não havia chegado aos trinta. Percebi que as reclamações sobre a demora e a insatisfação com o atendimento não eram muito diferentes das que fazemos na fila do restaurante universitário.

O mais novo contava que sua situação de rua era proposital, uma escolha. Ou quase isso:

- Tô na rua por que eu quero.

-É? Quanto tempo se tá assim?

- Faz uns três meses que eu tô ai na rua, sabe. Eu resolvi vir pra rua, uns problemas ai,não dava mais,tive que sair.

E completa:

- Ainda vou me levantar.

Quando a comida voltou a ser assunto, eu aproveitei para fazer algumas perguntas, me colocando como um desses novatos. Perguntei sobre outros locais que oferecia café da manhã, almoço, café da tarde, jantar. Lugares para dormir e outros aparelhos públicos para a assistência a moradores de rua. Foi quando outro homem, bem mais velho, entrou na conversa e me indicou os melhores lugares, como a Paróquia da Nossa Senhora Achiropita: “a comida lá é muito boa, mas lá pelas 8 da manhã você já tem que estar lá pra pegar senha, acaba rápido”. Descobri inclusive que havia uma espécie de tenda, localizada na Avenida do Estado, chamada por ele de ponto de ócio. Lá eu encontraria televisão, a tarde poderia tomar o chá do padre, que era um pão com manteiga e um copo grande de café, e também poderia tomar um dos ônibus que vão até os albergues.

Já havia passado do meio-dia, e a garoa paulista ficava mais forte, e o frio consumia. O que me confortava era pensar que logo eu iria me alimentar. Nesse momento, na rua em frente ao refeitório, contrariando todas as outras pessoas que por ali passam diariamente e não olham para os rostos desses homens amontoados e sequer respondem quando um mínimo contato é almejado, passou uma motocicleta com um motoboy, um trabalhador, que gritou: “Parasitas!”.

No momento não pude entender o que ele havia dito, talvez por nunca ter associado a mim tal expressão. Mas o silêncio que tomou conta da fila, a pausa repentina no ritmo louco do ambiente, dos bêbados, crianças, mulheres, homens e inaladores de solvente, me fez perceber que o que aquela palavra havia causado. O rapaz mais novo me olhou nos olhos e disse: “Você viu do que ele chamou a gente? De parasita! Ninguém esta na rua por que quer”.

Foi interessante notar que há pouco tempo o mesmo rapaz havia dito que estava na rua por escolha dele, e completou:

- É muito difícil viver assim, né não? Poxa, não tô tirando nada dele, se eu tivesse cinco conto você acha que eu iria comer aqui? Não, nós ia ali e pegava 1 PF, um baião de dois, imagina que delícia. Não ia tá passando por isso, frio, uma hora aqui de pé.”

- Chamar a gente de parasita. Sabe oque é uma criança?”

Eu respondi:

- Criança?

- É.

Fiquei em silencio.

-É um anjo puro de Deus. Como pode chamar uma criança de parasita? O cara xinga nós mas nem ta vendo o que tem aqui, a vida de cada um.

Após o aterrorizante silêncio, começaram as reclamações: “olha o cara”, “que filho da Puta”, “pra que isso”, e então aquilo se transformou no assunto de todos. Alguns mais revoltados começaram a pontuar os castigos que esse homem merecia, colocando em prática a ideia de justiça, tão forte na nossa moral:

- “Nóis” tinha é que derruba ele da moto e dar um pau nele.

- É, colocar ele aqui e fazer ele repetir o que disse

- É, catar a moto dele e vazar

Então, um homem negro de aproximadamente vinte e cinco anos, baixo e bem vestido, considerando a situação de todos ali, começou a dizer:

- Vazar nada, isso dá problema, é roubo, cadeia... tinha que arrebentar ela. Pra que isso cara? Xingar os outros, tem que ser sussa, ficar de boa, que nem eu: faço meus correes ai, entro nas festas, vô pras baladas fico amigo dos playboys, os cara só compra as garrafas de duzentos conto a de vodka. Eu fico la, de boa, faço amizade, de boa. Eu corro atrás do meu.

Logo quando o assunto foi esquecido, a fome ficou mais forte e a demora na fila começou a causar irritação, chegou a notícia de que havia acabado a comida. Quase todos saíram dali e tomaram rumos distintos. Alguns poucos, inclusive eu,

ficamos, na esperança de algum prato extra ou outro milagre que nos presenteasse com um prato de comida, mas era em vão. Voltei para casa, onde felizmente as condições de vida eram menos adversas do que na rua. Havia comida para ser preparada, cama quente, banheiro e chuveiro quentes. Diferente da realidade daqueles que acabara de encontrar na porta de refeitório.

1.5 Oito de agosto de dois mil e treze (08/08/2013)

De volta ao refeitório municipal, era um dia um pouco mais agradável, pois a chuva havia cessado. O frio ainda incomodava, mas a fila para a alimentação estava um pouco menor. O movimento das Peruas da prefeitura era menor também, e consequentemente a fila andava um pouco mais rápida. Novamente eu observava as pessoas e o que faziam. Havia um casal que inalava solventes em uma garrafa, riam alto para afirmar sua loucura e malandragem, e repetiam algumas expressões machistas. Outro homem carregava um pequeno frasco spray, com uma correntinha e uma anilha, dando à aquele penduricalho a função de chaveiro. O rapaz com a garrafa se aproximou dele e pediu para que ele depositasse um pouco mais daquele líquido na garrafa, dizendo: “põe mais um pouco aí, o bagulho é doido, dá um gostinho, pega na garganta”. Deduzi que aquilo era spray de pimenta, que recentemente havia sido utilizado maciçamente contra os manifestantes que tomaram conta das ruas do país. Mas aquilo nas mãos da massa de desabrigados tornou-se um tempero para sua jornada diária, uma fuga aos que procuravam um estado inebriante que os ajudasse a suportar tal cotidiano. Alguns minutos se passaram e os portões se abriram. Entraram mais pessoas, passaram mais alguns minutos até que chegou a minha vez. Lá dentro havia menos pessoas do que nos dias anteriores. Sentei-me à mesa e aguardei minha senha, que era um pedaço quadrado de E.V.A (Espuma Vinílica Acetinada) e a permissão para passar ao andar inferior. O ambiente estava invariavelmente hostil e depreciativo como antes. Notava-se a mesma solidão e sinais depressivos que um rosto pode evidenciar. O rapaz que fazia uso de seu inebriante componente fóssil do lado de fora, parecia mais recatado depois de entrar, mas por pouco tempo. Não demorou muito e ali mesmo na mesa ele começou a usar a droga enquanto esperava o almoço.

Quando o jovem que distribuía as senhas (Silas) se aproximou eu esperava uma repressão moral ou até uma possível expulsão do local, mas ele calmamente avisou: “Aqui dentro não né? Pô, suja pra mim”. Então o homem usou sua droga mais uma vez e, bem descompromissado, rosqueou a tampa e se sentou.

Depois de receber a senha e descer ao refeitório percebi o porquê da rapidez na entrada: lá embaixo a fila era grande, estava lotado. Ao dar a volta nas mesas para chegar ao final da fila, percebi um clima piada no ar, estavam zombando de alguém. “Olha lá a mina! Tá toda coberta”, diziam. Eles apontavam a uma mulher, que já estava comendo sentada à mesa. Ela tinha sob a cabeça um agasalho velho, surrado e sujo, que cobria seu rosto, seu cabelo e seu prato de comida, deixando-o aparecer algumas vezes, nas colheradas mais gluttonas. O moderno *bullying*, ou a coloquial “caçoadada”, continuava a ser feita:

- “Não quer aparecer é”

- “Vixe olha doida”

- “Olha, nem tá acertando a boca, tá se escondendo de que em”

- “Tá com medo de encontrar alguém conhecido aqui”.

O homem que estava à minha frente olha para trás e diz:

- “Pode ser né, mas ela não vai encontrar ninguém aqui não, sem chance. Se for isso pode tirar, mas não é isso não”.

A mim só restou dizer:

- É não é.

E ele continuou:

- “Não vai encontrar ninguém aqui não. Eu já pensei isso. Mas só se for uma situação muito ruim né. Difícil”.

Não era necessário dizer mais nada, a conversa havia encerrado. A fila andou e, após a passagem de uns três que seguiam com a chacota, o assunto se encerrou, mas começaram os comentários e especulações sobre a identidade da mulher:

- “Quem é ela?”

- “É aquela lá que tava ontem no padre?”

- “É aquela mulher que fica ali na tenda”

- “Ela não tava assim ontem, tadinha, ela é meio doidinha mesmo”.

Chegou a hora de comer. Esse dia serviram arroz, feijão, duas coxas de frango e o resto de uma salada de repolho, recolhida no canto aguçado da bandeja, em um esforço para servir o máximo de pessoas possíveis com o “*menu*” completo. Sentei-me em frente a um senhor alto, de óculos, pele negra e relativamente bem vestido e ao lado seu colega, um homem gordo, branco, barba por fazer, com óculos de lentes tão grossas que seus olhos pareciam duas pequenas bolas pretas, e que carregava uma grande mochila nas costas. Quando começaram a conversar, falavam sobre os planos para mais tarde e sobre as aventuras de ontem e se lembraram de um fato envolvia mulheres:

- Vô tentar a Maria hoje.
- Encapa o menino, ela tá com bicho.
- Sério? Eu não sabia, encapando não da nada. Como você descobriu?

- Naquele dia lá no – citou o nome de alguém – que *nóis* tava tomando umas, ela queria uma pedrinha pra da uma *pauladinha*, esse dia eu tava só no baseado. Ai eu dei dez conto pra ela. Se abriu todinha. A *muié* tava doida, queria aquela hora, num fogo. Ai eu disse que tava sem a capa... e ela queria assim mesmo...Cê ta loco...imagina? Ela tinha acabado de sair da sífilis sei lá. Mas eu fui rapidão na pega lá na tenda e pronto.”

- É mesmo? Ela é mó nóia né?
- É, mas é boa. Foi sem dó.

E assim o assunto sobre mulheres, doenças venéreas, álcool e drogas continuou durante todo o almoço. Terminaram o almoço e retiraram-se. Outro homem se sentou a minha frente.

A circulação e passagem rápida de pessoas pelo local devem ser notadas, pois, apesar do local oferecer vários serviços aos moradores de rua, fica evidente que o razão principal da frequência dos “beneficiados” deste local é somente a alimentação. Eu estava quase terminando meu prato quando um homem travestido de mulher levantou-se e começou a caminhar entre as mesas.

É notável o grande número de homossexuais nesse meio. A sua maioria são homens que se identificam com o gênero feminino, se vestem com roupas femininas

e são tratados como tal. É sabido que nas ruas o relacionamento homossexual é praticado por muitos, talvez pela falta de mulheres ou por qualquer outro motivo, e esses homens não se consideram gays, e não associam o sexo com outro homem como homossexualidade. É fácil encontrar sob as pontes, em malocas ou nas ruas o relacionamento saudável de homens com grupo de travestis e homossexuais, até mesmo convivendo com gays, travestis, LGBT.

O travesti caminhava e pedia os ossos e restos de frango: “Quem tem osso aí?”, exclamava da maneira mais caricata possível. “É pra doação, meu cachorrinho não pode passar fome”. Quase todos que ali estavam que já haviam devorado suas duas coxinhas de frango, chamavam esse homem e depositavam os restos de comida na sacola plástica. Esse homem, praticamente cego ou portador de uma miopia de grau máximo, se aproximava muito das mãos e dos rostos das pessoas para identificá-las. Após algum tempo recolhendo os restos o rapaz se alegrou e gritou: “hoje minha princesa não passa fome”. Depois de dez minutos de silêncio, a catação recomeçou: “quem tem mais? Quem tem? É pra cachorrinha gente”. Eu já havia comido meu frango, os ossinhos já poderiam ir pra sacola. Gritei chamando-o. Ele me procurou enquanto eu levantava a mão. Aproximou-se e abriu a sacola, muito longe de mim. Tateou a mesa procurando o dono da voz, até perceber meus movimentos: “ai, é você... põe aqui que eu não vejo quase nada”. A campanha de arrecadação de ração durou mais alguns minutos, e ao sair ele agradeceu: “muito obrigado viu, a princesa vai ficar de barriga cheia hein, nossa, aiiii!”.

Já havia terminado minha refeição, e antes de me retirar pude ainda notar que alguns, mesmo já tendo terminado sua comida não moveram um músculo para doar os restos de ossos para o rapaz. Além disso, pude escutar comentários cochichados entre eles, que evidenciavam o preconceito no que diz respeito à identidade sexual, mesmo que em muitos casos, estes mesmos homens recorram a eles para satisfazer desejos libidinais. Enquanto recolhiam os ossos, diziam: “essas bichas”, “que viadagem”, “essa bicha escandalosa!” “osso, tá é caçando um ...”

1.6 Treze de agosto de dois mil e treze (13/08/2013)

Era um dia bonito com um clima agradável, ao contrário da maioria dos dias em que almocei no refeitório público. Nesse dia a movimentação no entorno do refeitório era maior e não necessariamente notava-se o reflexo disso em suas filas, pois nestes dias mais ensolarados e agradáveis, muitos acordam mais cedo, pois não contam com a hostilidade transmitida pelo frio. Às dez da manhã muitos já estavam com seus pratos cheios e as onze (horário que mantive todos os dias para o almoço) era possível escutar comentários de pessoas que estavam pela segunda ou terceira vez na fila.

É fato que nesses dias a alimentação não se faz tão necessária para muitos, pois o calor proporciona mais conforto e satisfazer-se com solventes ou crack parece mais agradável do que aqueles momentos tediosos, maçantes e depressivos que pareciam mais uma humilhação coletiva do que um local de assistência.

O assistencialismo público ou privado, ao contrário do que se imagine ser, como uma oportunidade de uma reinserção social, um local de amparo e apoio ou um centro de instrução, se parece mais a um campo de concentração moderno, onde estes humanos, muitas vezes já massacrados pela vida nas ruas, esgotados fisicamente devido aos trabalhos realizados anteriormente e psicologicamente abalados, são amontoados em certos pontos da cidade, em locais em que o tempo é consumido, esvaziando as ruas. Digo isso, pois a vida vivida através do assistencialismo depende de tempo. Café da manhã, almoço, café da tarde, tendas, janta e albergues, uma maratona pela vida, cotidianamente repetida pelos moradores de rua. A única reinserção social realmente válida é através do trabalho, e existem albergues especializados em empregar seus moradores.

Havia na fila cerca de cinco pessoas. Próximo à sarjeta, um pouco mais a frente de onde nos organizávamos, um grupo de jovens inalava seus solventes. O ápice da paranoia se aproximava. Seu mundo paralelo parecia ser alegre. Rindo, o menino negro rastejava-se e deitava-se na rua, parando o trânsito por alguns minutos. As buzinas dos carros deviam interagir com sua loucura, fazendo com que o jovem

risse incessantemente. De dentro do refeitório, Silas, o funcionário que distribuía as senhas saiu e esbravejou com o jovem, fazendo com que ele continuasse seu caminho e atravessasse a rua, permitindo que o fluxo de carros voltasse ao normal. Quando a porta se abriu, o grupo de jovens levantou-se e tentaram entrar. Uma discussão começou. Ao que parece os meninos que estavam sentados já haviam estado na fila e saíram dela somente para usar seu solvente. Com a discussão um deles apanhou um pedaço de madeira na rua, como um sarrafo, e esbravejou: “eu vo entrar sim, tá me tirando tio? Orra João, tá de marcação? Eu tava aqui”. O clima esquentou, na fila as pessoas se olhavam, mas ninguém intercedeu. O rapaz continuou a ameaçar, até que outro rapaz que não pertencia ao grupo, conversou com o jovem e o convenceu a se livrar da droga. As coisas se acalmaram e rapidamente todos entraram. A ordem ali era estabelecida nas entrelinhas.

Entrei e me sentei esperando minha ficha. Ao recebê-la, desço ao refeitório, enquanto um homem começava uma conversa comigo. Quase sempre o assunto era comentários do dia, do calor, da fila, da fome, mas tão logo se trocavam três ou quatro palavras e as demandas mais íntimas afloravam.

- É, tô na rua agora, quebrei o braço

- É? Como foi?

- Eu era gesseiro né, alugava um quartinho ali... Quebrei o braço, fiquei sem trabalhar... to aí.

- Faz tempo?

- Eu moro aqui faz tempo, morava com minha mulher, mas depois não

- Por que você quebrou o braço?

- Não, não deu certo mesmo.

Ele reclamou um pouco das suas condições, e do quanto é difícil conseguir ajuda do governo ou sua tão esperada aposentadoria por invalidez.

- Semana que vem eu tenho que ir lá.

A fila andou e da mesma maneira que o papo começou, terminou.

Arroz, feijão, carne cozida com molho e a nutritiva salada de repolho. Sentei-me à mesa e comecei minha refeição. Ao meu lado esquerdo próximo à rampa de

acesso sentou-se um casal. Um de frente para o outro, começaram a conversar e apreciar o delicioso *menu*.

A mulher se levantou e buscou um copo de água no bebedouro que funcionava ao lado. Enquanto isso um homossexual que passava pela mesa entregou sua sobremesa ao homem, trocou algumas palavras e retirou-se. Esse dia serviram cocada. Um retângulo fino, embalado em plástico, tão doce que mais parecia um torrão de açúcar. Mas, pelo desfecho do ato, eu não havia sido o único a observar aquela situação. A mulher também havia notado o agrado que a “garota” ofereceu ao seu marido ou namorado, e não gostou muito. Antes mesmo de se sentar, já declarava seu amor através dos insultos: “vagabundo, filho da puta, véio safado, viado” e “arrombado”. Mas tais elogios não pareceram afetar aquele senhor, que apenas respondeu: “senta ai mulher!”. Nesse tipo de briga ninguém se metia, nem mesmos os agentes ou seguranças.

Percebendo o desinteresse do homem, que talvez pelos anos de rua já tivesse os ouvidos castigados e acostumados aos maldizeres dos “homens direitos”, nem se quer movimentava seu pescoço, ela mudou de tática e partiu pra cima dele com um só objetivo: comer a deliciosa cocada com que ele fora presenteado. Nesse fuzuê as ofensas continuaram. Como duas crianças que brigam pelos pirulitos que caem dos gigantescos balões em uma festa de aniversário, os amantes se digladiavam. Ele sentado, calmo, pedia repetidas vezes para que ela se sentasse, e ela, maldizendo o gay solidário e as possíveis relações amorosas de ambos. Pouco tempo se passou e claramente o tom alcoolizado das palavras me revelava ao menos uma razão química para tudo aquilo. A mulher desistiu e se sentou, mas a cada nova colherada no prato de comida, voltava a ofender o companheiro.

“Cala a boca”, gritou ele. Quase que instantaneamente, ela tomou o prato do rapaz, e com as mãos colocou em seu próprio prato toda a comida que restava a ele. Ainda com as mãos, compulsivamente ela devorou toda a comida. O homem permaneceu inalterado e sentado, não sei se incrédulo, ou acostumado a isso. Um amigo deles se aproxima e os chama pelo nome. Após uma conversa rápida faz com que a mulher devolva parte da comida ao homem. Eu achava que era quase

impossível perder o apetite, mas nesse momento eu perdi. Porém não cogitei jogar a comida fora. Felizmente nesse dia também estavam pedindo doações dos restos indesejáveis. Não ossos de frango, mas qualquer arroz e feijão que se sobrasse nos pratos. Entreguei meu prato de comida pela metade a um deles, enquanto isso o casal já havia terminado o almoço. Retirei-me e do lado de fora, vi o casal lado a lado, compartilhando o mesmo cigarro, o que me garantiu que eles haviam feito as pazes.

2 VIVER NA RUA

2.1 As razões de viver na rua

O caminho que leva uma pessoa a viver na rua, com a incerteza de ter ou não o que comer, de ter um lugar para dormir ou com a possibilidade de se aglomerar em "malocas", sofrendo as adversidades do tempo e a violência das ruas, se sujeitando a desrespeitos e as regras rígidas dos equipamentos de serviços públicos, é tortuoso e diverso. Levando em conta as particularidades de cada uma das histórias que escutei no processo do trabalho de campo, a heterogeneidade das causas nos confunde e não nos aponta um início para o estudo do morador de rua.

Vários são os fatores, a exemplo de um morador que me contou sua história de vida. Ele havia nascido no nordeste, no interior da Paraíba, e se mudou para São Paulo nos anos 80. Aqui constituiu uma família e morava com sua esposa e filha em um dos inúmeros cortiços que ainda existem no bairro do Bixiga. Depois de diversos empregos, havia se profissionalizado no ofício de gesso e depois de sofrer um acidente enquanto reformava uma casa, não conseguiu mais trabalho e foi abandonado pela mulher.

A partir desse exemplo, alguns pontos me chamaram a atenção e me deram certa direção no caminhar da pesquisa, que a partir da revisão bibliográfica (Vieira; Rosa; Bezerra, 1994, Silva 2009; Quintão 2012; Neves 1995), que discutem vários fatores que colaboram com essa heterogeneidade. A relação com o trabalho, a relação familiar e o processo migratório me pareceram as principais para entendermos esse processo.

A citação a seguir elucida dois desses pontos:

A perda do emprego e as dificuldades da inserção no mercado de trabalho são importantes elementos a justificar a origem desse segmento populacional, seja do ponto de vista da reprodução social, seja pela ética que desprivilegia os que não têm atividade produtiva. Particularmente, esse juízo influencia a dinâmica familiar. Para os chefes de família, a perda do

posto de trabalho é acompanhada, muitas vezes, da perda do status de "provedor", acarretando rupturas nas relações familiares. Portanto, abordagem de ordem sociológica e ideológica deve ser consideradas nesse processo de quebra de laços e deslocamento para a rua (NEVES, 1995, p.90).

A migração também pode ser sinalizada como fator relevante para o estudo do morador de rua, já que recentemente novos dados advindos do novo Censo do ano de 2015 foram divulgados pela prefeitura de São Paulo, indicaram que houve um aumento no número de moradores de rua passando de 14.478 para 15.905, e desse total 71% são migrantes. É bom salientar que de acordo com a FIPE, morador de rua é *“o conjunto de pessoas que por contingência temporária, ou de forma permanente, pernoita nos logradouros da cidade - praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viaduto - em locais abandonados, terrenos baldios, mocós, cemitérios e carcaça de veículos e nos centros de acolhida públicos ou de entidades sociais”*.

Ainda de acordo com o Censo da FIPE, alguns dados me chamaram a atenção e se apresentaram como de suma importância para a continuação das reflexões de presente trabalho. Segundo análise das tabelas, 50% desse total de migrantes são provenientes do próprio estado de São Paulo, desmentindo a ideia carregada de preconceito de que a maioria seria oriunda do nordeste.

Gaudemar (1977) discorre sobre a dupla liberdade da força de trabalho, que nos leva a relacionar o trabalho aos processos migratórios e o morador de rua:

Liberdade positiva: a força de trabalho é uma mercadoria que pertence, como bem particular, ao trabalhador, que pode dela dispor à sua vontade; o trabalhador é então considerado como actor da sua própria liberdade. Liberdade negativa: o trabalhador não tem diante de si outra hipótese que não seja vender ou não a sua força de trabalho; não tem mais nada para vender, e na prática, ou vende a sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre. (GAUDEMAR, 1977, p.190)

Sendo assim é possível pensar que o exemplo acima citado apresenta no decorrer de sua narrativa os dois tipos de liberdade: ele pratica a liberdade positiva

no decorrer da sua vida, trocando de trabalho de acordo com sua "vontade". Após o acidente se vê forçado a morar na rua, pois não consegue mais trabalhar devido a sua incapacidade física, exemplificando a liberdade negativa.

Ainda sob a luz da citação de Gaudemar, e trazendo os dados da pesquisa FIPE, que constata que cerca de 58% dos moradores de rua com idade entre 18 e 35 anos fizeram curso profissionalizante, e 17,1% trabalham como assalariados. Estes dados nos mostram que o “morar na rua” vai muito além da venda ou não da força de trabalho, e sim aliado à crise do mesmo. O crescente número de moradores de rua não está relacionado apenas com a falta de capacitação ou estudo, já que o número de analfabetos em situação de rua caiu pela metade (ao contrário do crescimento desta mesma população), e que uma boa parcela dela ainda exerce alguma atividade remunerada. As atividades praticadas por essa massa de trabalhadores não são suficientemente remuneradas a fim de que essas pessoas possam viver socialmente.

Ainda sobre a crise do trabalho podemos pensar neste sentido:

Uma vez que a sociedade democrática do trabalho é um sistema com o fim em si mesmo, amadurecido e auto-reflexivo, não é possível dentro das suas formas uma alteração para uma redução da jornada geral. A racionalidade empresarial exige que massas cada vez maiores tornem-se "desempregadas" permanentemente e, assim, sejam cortadas da reprodução de sua vida imanente ao sistema. De outro lado, um número cada vez mais reduzido de "ocupados" são submetidos a uma caça cada vez maior de trabalho e eficiência. Mesmo nos centros capitalistas, no meio da riqueza voltam a pobreza e a fome, meios de produção e áreas agrícolas intactos ficam maciçamente em "pousio", habitações e prédios públicos ficam maciçamente vazios, enquanto o número dos sem-teto cresce incessantemente. (GRUPO KRISIS, Manifesto contra o trabalho, p.38)

2.2 Violência na rua e as mulheres

Notei também, logo nos primeiros dias, na face de muitos dos moradores de rua, o quanto é violento o meio em que vivem. As feridas, membros quebrados, cortes e cicatrizes são fáceis de avistar em seus corpos. A violência física é constante e na

maioria das vezes potencializado pelo uso de alguma substância química, seja o álcool ou crack. Essa violência na rua parece muitas vezes funcionar como fator de socialização e de afirmação do indivíduo, como no caso em que narrei, em que um grupo, enquanto aguardava a refeição, fazia uso de algum solvente e por motivo torpe discutia e quase partia para violência física na porta do refeitório.

Além do mais, resta a discussão sobre as possibilidades de reprodução social da valorização e das relações sociais, cujo nó górdio, é o trabalho: embora cada vez mais falhas, agora ameaçam, por isso mesmo talvez, para compensar sua debilidade, provocar muito mais sofrimento aos homens, sob a forma da precariedade e da inclusão ainda mais perversa, da simulação de trabalho, da ficcionalização financeira e da violência total. (GRUPO KRISIS, Manifesto contra o trabalho, p.12)

Em algumas conversas que tive me foi apresentado o termo "maloca", que para os moradores rua consiste em um agrupamento de pessoas que dormem juntas. Nessas conversas ficou claro que esses agrupamentos trazem a eles um sentimento de coletividade, proteção e segurança. Formado por poucos indivíduos, eles protegem uns aos outros, geralmente revezando papéis, como o de cuidar dos pertences, mendigar nas ruas, preparar o alimento ou cuidar do local em questão.

Mulheres também são vistas nesses grupos e sofrem além da violência das ruas, a violência do machismo, sendo um dos grupos mais frágeis nesse meio. Durante o período em que fiz minha pesquisa de campo, presenciei algumas situações em que pude notar tal violência, como a mulher que se sentou perto de mim com um corte no rosto, provavelmente resultado de alguma briga. Segundo a pesquisa um dos agentes da violência que mais chamaram a atenção foram os próprios parceiros das vítimas, que através dos relatos, nos evidenciam os principais tipos de violência, como a prática de roubos/furtos; o espancamento/luta corporal, tentativa de homicídio e abuso sexual.

Cerca de 16% do total de moradores de rua são constituídos por mulheres e deste número apenas 7% vivem sozinhas. Muitas ao se agruparem em malocas tornam-se as "amantes" do grupo, em uma horrenda relação de troca, em que a segurança dela é paga com seu sexo, seu corpo. Essa "fragilidade" socialmente

imposta dos moradores de rua ao sexo feminino poderia tornar-se objeto de estudo isolado, tamanha é sua complexidade, e por se tratar de um fenômeno social que além de toda a problemática dos moradores de rua, traz a problemática das relações de gênero e do feminismo.

A violência física sofrida pelos moradores de rua é quase que diária. Em pesquisa realizada pela FIPE, entre os principais autores da violência estão os próprios órgãos do estado, e em alguns casos ela advém justamente daquele que compartilha do mesmo cotidiano, como a polícia militar e a GCM, além dos próprios moradores de rua, transeuntes, comerciantes e seguranças privadas.

Além da violência física, a violência psicológica/moral também é notada. Humilhações diárias, não somente ligadas ao ato de mendigar (de se colocar em um patamar inferior ao das pessoas para receber alguma ajuda), mas também referente ao tratamento dado nesses locais e ao próprio viver na rua, que desgastam e destroem psicologicamente os indivíduos, colocando-os em uma queda livre no abismo social. Muitos deles são cotidianamente impedidos de frequentarem locais de acesso público, como bares, restaurantes, shoppings, bancos, comércio, órgãos e espaços públicos, degradando moralmente esses indivíduos. Segundo a pesquisa, este fato é um grave desrespeito aos direitos humanos.

Mas o que seriam os direitos humanos, além do direito de se relacionar através da forma mercadoria? O direito aqui negado aos moradores de rua, o de frequentar determinados espaços, evidencia que a possibilidade de acesso do mundo da mercadoria é o que nos torna aceitáveis ou não em determinados lugares, que geralmente tem como prerrogativa de existência a troca:

Dois séculos de direitos Humanos deixam claro que o objetivo não são as pessoas e a sua existência física, mas sim, enquanto sujeito do trabalho abstrato na esfera da troca de mercadorias. (HEIDEMANN, 2003)

Notei que nos momentos em que essa violência se faz presente, é marcante a diferenciação/depreciação do indivíduo pelo trabalho, como no episódio em que fomos chamados de parasitas por um homem de motocicleta, provavelmente um

motoboy trabalhador, que acredita piamente na sua superioridade por não estar naquelas condições e transfere para o indivíduo um problema social.

No centro das declarações dos direitos humanos estão as liberdades dos sujeitos de mercado, a garantia da propriedade privada e a segurança policial das transações. Em outras palavras “ser humano” neste sentido, não designa mais que um produtor de mercadorias e ganhador de dinheiro, os “direitos” elementares a sua existência. (HEIDEMANN, 2003 p.31)

Por melhor que seja o refeitório, por mais bem tratado que você seja lá dentro, lá fora você ainda é o “parasita” perante a sociedade.

2.3 O inverno na rua

O inverno em São Paulo não é muito ameno e a vida na rua se complica com a chegada dele. O movimento na porta do refeitório é mais intenso nos dias de frio e na página da prefeitura há informações sobre a “Operação Baixas Temperaturas”, que de acordo com o site entra em vigor quando as temperaturas são iguais ou inferiores a treze graus célsius. Essa operação consiste em alocar os decrepitos, convalescentes, os mais idosos e aqueles que não conseguiram ou querem ajuda dos equipamentos do estado, em locais que possam recebê-los. Certa vez escutei de um morador: “se você não entra no sistema, o sistema entra em você.”. Isto explica o movimento anormal de carros e pessoas nos dias mais frios.

3 COMER NA RUA

Para o morador de rua, desprovido de todos os meios da sua reprodução social, a busca por alimento torna-se um dos principais desafios e em muitas vezes é a energia motriz para seu deslocamento. Comer na rua é um desafio diário, não só pela falta de dinheiro ou casa, mas também pela falta de equipamentos públicos, distância entre eles e regras e horários de funcionamento.

Durante o trabalho de campo, muitos foram os relatos e conversas que escutei que me ajudaram a entender melhor o funcionamento e a dinâmica do “comer na rua”. Muitos dos moradores de rua, já estão ali há muito tempo e conhecem inúmeros pontos de distribuição de alimentos e outros equipamentos públicos que se propõe a auxiliar na sobrevivência nas ruas. Nessas conversas foi possível notar que a distância e a carência desses equipamentos, torna a vida do morador uma eterna romaria, que consiste em caminhar pela cidade visitando esses locais, a fim de realizar todas as refeições do dia. As carências desses equipamentos também são notadas pela leitura dos livros da revisão bibliográfica, e no livro "População de rua: Quem é Como Vive e Como é vista". (VIEIRA; ROSA; BEZERRA, 1994), demonstrando que somente a partir da gestão da prefeita Luísa Erundina, de 1989 a 1993, foi montada uma equipe de pesquisadores para retratar a história dessas pessoas que vivem nas ruas da cidade de São Paulo.

Durante o período em que frequentei o refeitório, constatei que esses equipamentos funcionam não só como um ambiente de acolhimento dessas pessoas, mas também aliam o assistencialismo a uma reinserção do morador de rua ao mercado de trabalho, oferecendo cursos profissionalizantes, carteira de trabalho e outros documentos.

Não basta que as condições de trabalho apareçam num pólo como capital e no outro pólo, pessoas que nada têm para vender a não ser sua força de trabalho. Não basta também forçarem-nas a se venderem voluntariamente. Na evolução da produção capitalista, desenvolve-se uma classe trabalhadora que, por educação, tradição, costume, reconhece as

exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes. (Marx, O capital, Livro I, Volume II, 1996, p. 358-359).

Nesse sentido, o trabalho para o morador de rua, é a pedra fundamental de sua reinserção social, transferindo pra o indivíduo um problema social, a crise do trabalho.

[...] seu papel de provedor sofre uma desqualificação e ele passa a ser alvo de pressão por parte da família, bem como do mercado de trabalho. Este é um dos caminhos possíveis de chegada até a rua, momento em que o trabalhador, sob essa pressão, rompe os vínculos com a família e o trabalho, atravessando o limiar tênue que o imaginário social estabelece como parâmetro de uma perda legítima de vida (VIEIRA; ROSA; BEZERRA, 1994, p.19)

Acredito ser importante falar um pouco sobre as minhas impressões sobre a comida oferecida e o ambiente em que ela é servida. Na fila pude escutar e conversar sobre isso com diversos moradores, e em muitos casos ficou claro a dependência que eles têm desses espaços, sendo o porto seguro e fonte quase sempre certa de alimento. Digo quase sempre, pois em uma das minhas saídas de campo a comida acabou. E o que é a vida na rua sem comida? Sem almoço? Aquele dia muitas questões me vieram à cabeça e até agora não obtive respostas para nenhuma delas. Não digo que a comida servida seja muito boa, ou o ambiente das refeições sejam agradáveis, mas para essa massa de pessoas é muitas vezes o único e último refúgio para isso, fazendo com que tais fatos sejam somente detalhes naquele momento. Senti na pele que a fome faz você esquecer e não perceber diversos pormenores desse ambiente. O prato mal lavado é esquecido, a comida insossa e sem tempero, os restos de carnes cozidas e a salada rala é temperada pela fome, o ambiente maquiado pelo desespero. A comida em muitos pontos não é feita no mesmo local de distribuição, sendo transportada em caixas térmicas, com um número específico de pratos a serem distribuídos. Não me lembro de se quer uma vez em que me foi servida uma refeição quente, e toda essa dinâmica de distribuição mina gradativamente o que resta de dignidade nessas pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa caminhada que segui na construção e desenvolvimento deste presente trabalho, me deparei muitas vezes com inúmeras e diferentes situações, que me fizeram refletir e pensar sobre o verdadeiro objetivo do mesmo no que se refere aos moradores de rua. Dentre os inúmeros questionamentos, quase sempre seguidos de um vazio pela falta de respostas para tal, o trabalho surge como solução ou causa desse fenômeno.

Não só de fato, mas também conceitualmente, demonstra-se a identidade entre trabalho e menoridade. Há poucos séculos, os homens tinham consciência do nexos entre trabalho e coerção social. Na maioria das línguas europeias, o termo "trabalho" relaciona-se originalmente apenas com a atividade de uma pessoa juridicamente menor, do dependente, do servo ou do escravo. Nos países de língua germânica, a palavra "Arbeit" significa trabalho árduo de uma criança órfã e, por isso, serva. No latim, "laborare" significava algo como o "cambalejar do corpo sob uma carga pesada", e em geral é usado para designar o sofrimento e o mau trato do escravo. As palavras latinas "travail", "trabajo" etc. derivam-se do latim, "tripalium", uma espécie de jugo utilizado para a tortura e o castigo de escravos e outros não livres. A expressão idiomática alemã – "jugo do trabalho" ("Joch der Arbeit") – ainda faz lembrar este sentido. "Trabalho", portanto, pela sua origem etimológica também não é sinônimo de uma atividade humana autodeterminada, mas aponta para um destino social infeliz. É a atividade daqueles que perderam sua liberdade. A ampliação do trabalho a todos os membros da sociedade é, por isso, nada mais que a generalização da dependência servil, e sua adoração moderna apenas a elevação quase religiosa deste estado. (GRUPO KRISIS, Manifesto contra o trabalho, p.28-29)

Tal constatação não só me fez refletir sobre os moradores de rua, mas também sobre eu mesmo e essa problemática, no que ela toca em minha vida, tornando penosa e árdua essa etapa que é a construção do TGI.

Talvez esta tenha sido minha salvação. Ao contrario dos anseios que tinha ao iniciar minha pesquisa (acreditava eu, do alto da minha intelectualidade em desenvolvimento, que poderia através de um simples trabalho e pesquisa,

desvendar os mais abissais processos, trazendo a luz da Geografia todas as minhas reflexões, problematizações e anseios, resolvidos e desenvolvidos, solucionando ao menos em parte tais pensamentos e constatações, estrela Dalva imaculada, servindo de farol aos navegantes geógrafos), pude desenvolver meu pensamento não em busca de respostas, mas sim em busca de perguntas. A vida moderna e o cotidiano, nos fazem cada vez mais seres alheios a nós mesmos e as situações que nos rodeiam, fechando nossas portas ao que não nos toca diretamente.

No começo da graduação e subsequentemente, durante as primeiras tentativas de elaboração deste trabalho, tinha a ideia de que o “morador de rua” tratava-se da quebra de quase todos os paradigmas sociais que eram apresentados a mim, por se tratar de um humano “livre”, independente das relações de trabalho e troca, um ser livre como um passarinho. No desenvolver de pensamento crítico, e com a leitura da bibliografia de apoio, pude amadurecer esta ideia até a quebra total da visão idealista do morador de rua. Até mesmo o termo “livre como um passarinho”, que para muitos de nós remete a uma liberdade utópica, presente no voar e no cantar, foi me apresentado de outro modo, o *homo sacer*, uma figura do direito Romano arcaico, cuja inclusão no mesmo só se faz através da sua matabilidade (homem “livre como um passarinho” que poderia ser morto sem implicações legais) (AGAMBEN. “Homo Sacer”, 2010).

A inclusão do morador de rua nas atividades do estado e dos órgãos públicos se faz necessária, tratando-se de uma tentativa de reinserção social, mas que, de acordo com Jose de Souza Martins, só mascara uma realidade ainda pior, que é o processo capitalista que exclui para incluir, que “Tem como logica própria tudo desenraizar, e a todos excluir porque tudo deve ser lançado no mercado.” (MARTINS, 1997, p. 30). Assim, falar sobre exclusão e inclusão, sem problematizar, nada mais é do que corroborar e garantir que as relações já estabelecidas pelo capital se perpetuem de maneira fetichista.

A problemática da inclusão/exclusão presente na bibliografia de apoio foi de extrema importância para o entendimento da questão trabalhada neste TGI, e entender o morador de rua como um sujeito que não se reconhece como tal, por não

possuir os meios de reprodução social, “(...) ser aquele que não é reconhecido como sujeito, que é estigmatizado, considerado nefasto ou perigoso à sociedade.” (MARTINS, 1997:16-17). Martins considera, entretanto, que uma categoria social ou grupo não pode ser reconhecido como sujeito, se não se reconhece a si mesmo como sujeito e não atua como sujeito.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**, trd. Henrique Burigo, (Homo Sacer – Il Potere Sovrano e la nuda vita). 2º edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Combate a Fome. **Rua: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População de Rua**. - Brasília, DF: MSD; Secretaria de Avaliação e Gestão de Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

FIPE- Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e SAS/PMSP - Secretária de Assistência Social. **Censo da População em Situação de Rua da Cidade de São Paulo 2009/10**. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social. Acesso em jan. 2016.

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editora Estampa 1977.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. **Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação**. in : Seminário "Migrações: novas formas de discriminação e alternativas de residência dos migrantes".III Fórum Social Mundial Porto Alegre, jan., 2003.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. **Um novo modo de ser (inclusive migrante): Flexi-existência "just in Time"**, in Revista Travessa, CEM, ano XVI, numero 45, São Paulo jan-abr, 2003.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial.

MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Editora Paulus. 1997.

MARX, Karl, **O capital: crítica da economia política: Livro I o processo de produção do capital**. [tradução Rubens Enderele]. São Paulo: BOITEMPO, 2013.

NEVES, Delma Pessanha. **A miséria em espetáculo**. Rev. Serviço Social e Sociedade, 47:79-98,1995.

JUNIOR, Nivaldo Carneiro (org.); NOGUEIRA, Edna Aparecida (org.); LANFERINE, Gisele Magalhães (org.); ALI, Débora Amed (org.); MARTINELLI, Marilda.

Serviços de saúde e população de rua: contribuição para um debate. Prefeitura do município de São Paulo. Censo da população em situação de rua da cidade de São Paulo (2015). Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/observatorio_social/2015/censo/FIPE_smads_CENSO_2015_coletivafinal.pdf. Acesso em: jan 2015.

QUINTÃO, Paula Rochlitz. **Morar na rua: Há projeto possível? Dissertação** (Mestrado - Área de Concentração: Projeto, Espaço e cultura) - FAUUSP. São Paulo, 2012.

SILVA, M,L,L. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. 1º edição. v. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

VAINER, Carlos. **Trabalho, Espaço e estado: questionando a questão migratória**. Rio de Janeiro: PUR / Editora da UFRJ, 1984.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa (org.); ROSA, Cleise Moreno Maffei (org.); BEZERRA, Eneida Maria Ramos (org.). **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: Huctec, 1994.

6 ANEXOS

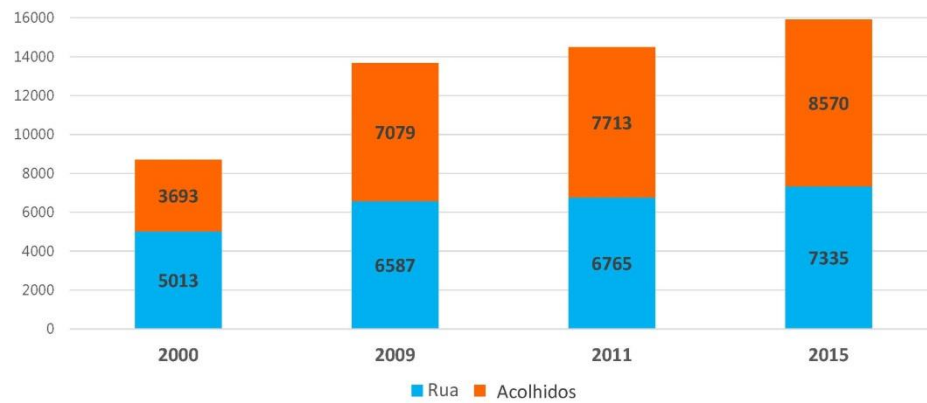


Número de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, 2000 a 2015

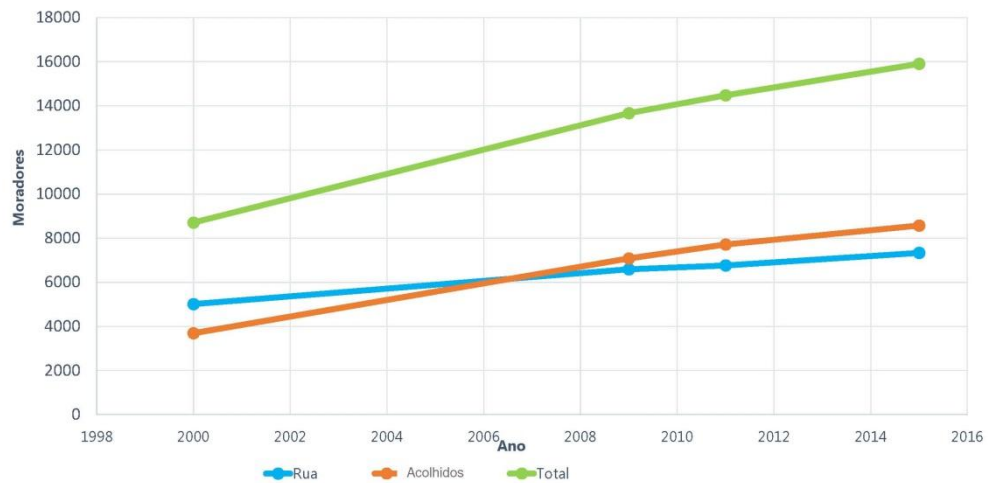


Censo	Rua	Acolhidos	Total
2000	5.013	3.693	8.706
2009	6.587	7.079	13.666
2011	6.765	7.713	14.478
2015	7.335	8.570	15.905

Evolução do número de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, 2000 a 2015



Evolução do número de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, acolhidos e pernoitando nas ruas, 2000 a 2015





Taxa de Crescimento Anual do Total da População em Situação de Rua



Período	Taxa de Crescimento Anual do Total da Pop Rua*
2000-2009	5,14
2009-2015	2,56

Fonte: Censo Pop Rua FIPE/SMADS, 2000-2015
 Nota: * Crescimento Exponencial

Distribuição espacial das pessoas em situação de rua pernoitando nas ruas, por Subprefeitura

Subprefeitura	Rua	%	Subprefeitura	Rua	%
Sé	3 864	52,7	São Mateus	64	0,9
Mooca	842	11,5	Vila Prudente	58	0,8
Lapa	409	5,6	Aricanduva/ Vila Formosa	56	0,8
Santana/ Tucuruvi	275	3,7	Casa Verde	55	0,7
Pinheiros	214	2,9	Butantã	53	0,7
Santo Amaro	199	2,7	Campo Limpo	40	0,5
Vila Mariana	146	2	Itaquera	37	0,5
Jabaquara	140	1,9	Pirituba/ Jaraguá	36	0,5
Vila Maria/ Vila Guilherme	121	1,6	Guaianases	29	0,4
Capela do Socorro	99	1,3	Sapopemba	29	0,4
Freguesia do Ó	99	1,3	Cidade Tiradentes	24	0,3
Ipiranga	96	1,3	Ermelino Matarazzo	18	0,2
Itaim Paulista	81	1,1	Cidade Ademar	15	0,2
São Miguel	75	1	M Boi Mirim	13	0,2
Penha	71	1	Perus	6	0,1
Jaçanã/ Tremembé	70	1	Parelheiros	1	0
Total			7 335	100	

Distribuição Normal e Percentual de Pessoas em situação de rua, por sexo

Sexo	Total	
	N	%
Masculino	13.046	82,0%
Feminino	2.326	14,6%
Não identificado	533	3,4%
Total	15.905	100%

Idade das pessoas em situação de rua, por faixa etária

Idade	Rua		Acolhidos		Total	
	N	%	N	%	N	%
Até 11	33	0,4	370	4,3	403	2,5%
12 a 17	54	0,7	48	0,6	102	0,6%
18 a 30	1.081	14,7	1.352	15,8	2.433	15,3%
31 a 49	2.362	32,2	3.461	40,4	5.823	36,6%
50 a 64	945	12,9	2.182	25,5	3.127	19,7%
65 ou mais	122	1,7	630	7,3	752	4,7%
Sem informação	2.738	37,3	527	6,1	3.265	20,5%
Total	7.335	100	8.570	100	15.905	100%



Idade das pessoas em situação de rua, estatísticas



Idade	Rua	Acolhidos
Média	39,7	42,7
Idade Máxima (mais idoso)	86	94

Número de moradores de rua por ponto

Número de moradores	Pontos	
	Número	%
1	1.686	60,20
2	519	18,50
3	197	7,00
4	107	3,80
5 a 10	208	7,40
11 a 20	54	1,90
21 a 40	22	0,80
41 ou mais	9	0,30
Total	2.802	100,00